



Retesamentos discursivos: um olhar foucaultiano do estilo antidogmático de Nietzsche

Discursive stiffness: A Foucauldian approach of the antidogmatic style of Nietzsche

Carlos Eduardo Ribeiro, Alexandre Filordi de Carvalho

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil

Resumo

O presente artigo investiga, segundo a noção foucaultiana de nível discursivo, como o pensamento de Nietzsche explora determinados limites linguísticos em favor de uma renovação da escrita filosófica. Esses limites podem ser averiguados no constante tensionar discursivo e experimental presentes no estilo aforismático. Explicita-se esses retesamentos discursivos na clara associação do antidogmatismo nietzschiano ao estilo de sua escrita filosófica, opção realizada essencialmente em *Além do bem e do mal*.

Palavras-chave: Nível discursivo. Antidogmatismo. Estilo. Filosofia.

Abstract

This article investigates, according to Foucault's notion of discursive level, as the thought of Nietzsche explores some linguistic limits in behalf of a renewal of philosophical writing. These limits can be ascertained in the constant tension discursive and experimental presents in the aphoristic style. It explicits these discursive stiffness with the association of Nietzsche's anti-dogmatism to the style of his philosophical writing, option essentially carried out in Beyond good and evil.

Keywords: Discursive level. Antidogmatism. Style. Philosophy.

O que é um nível discursivo para Foucault?

Uma das inovações mais importantes trazidas pelo pensamento foucaultiano foi o modo como compreendeu a história. Mais que um historiador ou um filósofo da filosofia, Foucault é um pensador que ativa a história como pensamento e, definitivamente, a história como um pensar ativo na encruzilhada de discursos, de poderes e de experiências subjetivas. Tanto é que as histórias que escreveu são autênticas filosofias da história, pois ao recorrer aos diferentes discursos de saber e de poder que constituíram uma história, ele elabora um pensamento inteiro sobre o recorte, o tema, enfim, sobre o arquivo que tentou fazer a história. Podemos afirmar que as histórias por ele efetivadas se fizeram segundo a necessidade intrínseca a toda epistemologia histórica francesa, segundo a qual a história se pratica sob a forma do conceito, isto é, segundo os modos que os discursos se entrecruzam e fabricam objetos discursivos.

Mas a teoria do discurso de Foucault é de uma amplitude ainda pouco explorada e os objetos discursivos que criou ainda permanecem plenos de possibilidades analíticas. *Arqueologia do saber* ainda nos parece um livro enigmático mesmo depois de tantos anos, se pensarmos todas as possibilidades de análise que ele sugere. Basta mencionar, a título de lembrança, todas as arqueologias que Foucault levanta como possíveis ao final deste escrito. Dentre as noções abordadas no livro, talvez a ideia de nível discursivo seja

a mais interessante no sentido de pensarmos as possibilidades linguísticas para as quais ela abre.

O nível discursivo são os entrecruzamentos entre enunciados que forneceu a busca pelo engajamento em um discurso ou outro. Foucault denominou este nível de análise enunciativa como uma *linguagem efetiva*:

[...] uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não se pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para elas o fato de terem aparecido - e nenhuma outra em seu lugar. Desse ponto de vista, não se reconhece nenhum enunciado latente: pois aquilo a que nos dirigimos está na evidência da linguagem efetiva (FOUCAULT, 2002, p. 124).

Assim, para começarmos é preciso realizar um trabalho crítico sobre a linguagem ao modo nietzschiano. O nível discursivo é uma análise da história, ou seja, segundo Foucault uma análise não interpretativa, uma análise que explicita as coisas efetivamente ditas na história. A fala foucaultiana não supõe fantasmas, portanto, as histórias que escreveu não se realizaram sobre o latente ou o quase dito, ou ainda sobre as entrelinhas do não discurso. Nem pensamentos em excesso, nem imagens, nem fantasmas; o discurso, para Foucault, é o preceptório de dizer algo, é aquilo que efetivamente se produziu como discursos e a história, sua descrição crítica e detalhada. Assim, um discurso é um enunciado, a condição de existência de um discurso entendido como a manifestação, o rastro como todos os usos e as reutilizações possíveis dessa condição possível.

A história só começa no ponto em que um discurso emerge, no ponto em que se torna possível a produção de uma forma discursiva. O nível discursivo, com efeito, é a identificação dessa forma. Por parte do arquegenealogista, esse ponto de emersão pode ser muitos outros pontos. Por exemplo, a loucura não é só um objeto da ciência médica psiquiátrica, mas também foi um campo sobre o qual a cultura ocidental se interessou e por diversos motivos, como bem evidencia a *História da loucura*. Claro está, a loucura não foi um sentido, senão a explicação sobre todos os jogos discursivos que tornaram possíveis as figuras tão díspares como a do lunático

e do doente mental, de uma loucura trágica que participava da vida social a uma loucura como discurso distanciado de uma razão que não pode mais ser louca. Assim como a forma discursiva da loucura tornou possível o fenômeno loucura na história, é preciso reconhecer as formas discursivas que tornaram possível um discurso em específico. Eis o nível discursivo: a condição de começar uma história de um discurso.

Em Nietzsche e, em especial em *Além do bem e do mal*, a ideia de nível discursivo pode ser identificada com precisão. O filósofo alemão pratica neste escrito publicado em 1886 uma história do dogmatismo. Aqui, pretendemos assinalar como a ideia de nível discursivo atua conforme uma espécie de história nietzschiana do dogmatismo.

Linguagem e moral: o nível discursivo nietzschiano em seu estilo

Sob as mais distintas e excludentes rubricas o pensamento de Nietzsche já fora encarado: literatura, iconoclastia, caixa de ferramentas, última metafísica. Essa é a lembrança circunstancial de algumas daquelas interpretações que se dignaram a colocarem-se à escuta do conjunto de seus escritos. No entanto, nem ao mais descuidado leitor ocorreu deixar de lado a virulência corrosiva da filosofia nietzschiana. Inimiga sem par da metafísica clássica, da moral do ressentimento, da religião cristã, das ideias modernas e de tantos outros alvos de ataque, a envergadura crítica do pensamento nietzschiano reivindica outro solo para os valores morais, busca com especial importância outro território *para além* dos ideais civilizatórios do Ocidente. Nesta medida, *Além do bem e do mal* é o escrito de Nietzsche que prioritariamente reclama o estatuto da inteira despedida de tais ideais. A obra apresenta-se, portanto, como uma história crítica da filosofia dogmática que recorre a um retesamento permanente de determinados patamares linguísticos.

O problema da linguagem em Nietzsche talvez tenha sido um dos assuntos mais tratados do seu pensamento. As posições são as mais variadas. Elas vão desde os que se dedicaram a reconstruir o personagem ou o caráter “Nietzsche” (NEHAMAS, 1985) aos que, como Foucault, identificaram-no a uma reviravolta linguística no interior de um movimento inteiro de dobra da palavra sobre si que, assim, ao lado de Freud e de Marx, o autor de *Genealogia da moral* surge como um dos pilares da nova hermenêutica na modernidade

(FOUCAULT, 2001). Pensamos que, entretentes e sem avaliar os pormenores de tais leituras, enquanto meio de expressão, a linguagem em Nietzsche é compreendida como portadora de valores, isto é, por meio dela o par *bem x mal* são conduzidos como perspectiva de valoração do Ocidente que se repete sob a aparência de uma multiplicidade semântica.

Ora, se toda expressão linguística foi fundada sob determinada avaliação e, se obedecermos ao intento crítico nietzschiano básico, o de questionar o valor dos valores (GM, Prólogo, 6), então a linguagem mesma deve aparecer como alvo da investigação genealógica. É precisamente isso que Nietzsche faz e de muitos modos. Em seu pensamento há uma reforma profunda da linguagem em que, dentre as várias possibilidades de análise que se perfilam, a questão do *estilo* nos parece uma porta de entrada fecunda. Itaparica (2002) realizou um importante trabalho sobre os livros *Humano, demasiado humano* e *Além do bem e do mal*, comparando-os sob a dupla perspectiva, ao mesmo tempo, genética e conceitual, entre o estilo e a questão moral nos escritos. Destacamos o fato de Itaparica mostrar que Nietzsche procura, gradualmente, uma reforma do signo ao longo de sua filosofia madura à medida que amadurece a questão do método histórico. Denominado de filosofar histórico em *Humano, demasiado humano*, esse método dá origem ao procedimento genealógico. No filosofar histórico se assentaria a necessidade primeira de dar à história um caráter de cientificidade, o qual Nietzsche transmutaria em outros interesses e caminhos, principalmente ao elaborar a noção de valor a partir de 1885 como conceito operatório de fundo filológico.

De todo modo, também é a questão do estilo que pretendemos explorar, mas com uma particularidade: acentuamos a não linearidade dos aforismos como aquele aspecto que expressa os experimentos do filósofo com o pensar. É a posição de Kaufmann (1974) que admitimos como registro analítico. O autor relaciona estilo e experimentação no pensamento de Nietzsche. Experimentando hipóteses, posições, ideias que, esgotadas ou desenvolvidas parcialmente, Nietzsche tomaria a forma do aforismo como uma unidade existencial. A própria integridade intelectual da experimentação intentada por Nietzsche estaria condensada no estilo aforismático. Experimentalismo e estilo ou, se quisermos, existência e reflexão, confundem-se deliberadamente como maneira de subverter a linguagem, portadora de *bem x mal*. A luta nietzschiana contra o pensamento dogmático

é um caso dessa subversão linguística, moral. Como veremos, ao tratarmos do antidogmatismo nietzschiano encontraremos os retesamentos linguísticos próprios ao estilo de *Além do bem e do mal*.

Nietzsche contra o dogmatismo: o Além do bem e do mal

Todo projeto genealógico nietzschiano pode ser caracterizado, em seu próprio princípio, como antidogmático já que é sua a tarefa de colocar em marcha uma crítica do valor dos valores, entendendo por ela o desenraizamento profundo e a suspensão de todos os valores ocidentais que operam pela contraposição. Só o intento de propor que o *próprio valor dos valores deve ser colocado em questão* (GM, Prólogo, 6) coloca o pensamento nietzschiano em plena exigência de desconstituir toda forma de dogmatismo filosófico, cultural e moral. Temos, nesse campo, dois temas mutuamente referidos no pensamento de Nietzsche: de um lado, o dogmatismo é a marca mesma do pensamento ocidental e a genealogia, de outro, seu antípoda estrategicamente atento que não se furta em explicitar seu modo de operação. Eis o questionamento do valor verdadeiro, enquanto a afirmação incondicional do verdadeiro como norma de si mesmo que condiciona as dicotomias ocidentais.

Em consequência, só se compreende o que é dogmatismo para Nietzsche se adentrarmos no seu projeto de crítica dos valores. Nesse caso, o tema da vontade de verdade surge como o grande conceito da crítica antidogmática nietzschiana: dentre os conceitos mais conhecidos que, a um só tempo, definem o dogmatismo e o coloca em xeque, a vontade de verdade funciona como um disparador que, um a um, localiza seus inimigos e os ataca como causas vencedoras na cultura.

Tal relação entre dogmatismo e genealogia, contudo, é a que mais conhecemos no pensamento de Nietzsche, sendo bem explorada devido a sua evidente força crítica. O reconhecimento de que toda filosofia foi dogmática – porque afirmadora de um valor incondicional da verdade vem junto do grande pressuposto do pensamento nietzschiano veiculado a partir de 1885 com a publicação de *Assim Falava Zaratustra*: transvalorar todos os valores, iniciativa ambiciosa e inacabada, em que o filósofo evoca um novo projeto de Cultura e pelo qual somos introduzidos na ideia de que a moral se configura como o fundo não questionado do Ocidente.

Neste sentido, não se pode ir fundamentalmente a outro escrito nietzschiano senão a *Além do bem e do mal*. Neste trabalho encontramos a prova contundente dos múltiplos alvos da crítica antidogmática nietzschiana. O *Prólogo* do livro tem o dogmatismo como centro de gravidade em torno do qual Nietzsche faz orbitar a verdade como valor que, *desde sempre*, constituiu a moralidade, a reflexão filosófica e os discursos contemporâneos do filósofo (as ideias modernas), sucedâneos em seu tempo da arraigada apreciação valorativa da moral do ressentimento. Com igual iniciativa contra o dogmatismo, o primeiro capítulo do livro continua na empreitada antidogmática. Oportunamente intitulado “Dos preconceitos dos filósofos”¹, o capítulo faz operar a noção de vontade de verdade sobre as mais distintas formas de filosofia, indo de pensamentos a conceitos (juízo, consciência, autoria, platonismo, estoicismo, etc.), sempre para desnudar a verdade incondicional de todo filosofar que persistiu até então.

Se não é novidade lembrar que genealogia e dogmatismo se referem, também não é original de Nietzsche a caracterização do dogmatismo e da contraposição a ele como uma condição para o filosofar. Desde Kant, sabemos que o dogmatismo tornou-se um *topos* filosófico, quase uma passagem obrigatória para as filosofias que vieram depois da grande demarcação da jurisdição da razão. Não diferentemente, o pensamento nietzschiano segue, em certo sentido, o caminho kantiano ao assumir a crítica do dogmatismo como sua tarefa primeira para o começo da filosofia (MARTON, 2000).

Em suma, *Além do bem e do mal* pode ser estudado conforme a seguinte chave de leitura: de um lado, a vertente da crítica antidogmática da vontade de verdade e, de outro, como uma consequência dessa subversão crítica, o aparecimento estratégico da filosofia experimental nietzschiana. Esta é a experimentação de um estilo antidogmático². Para sintetizarmos, ele se realiza

¹ Remissão ao pensamento de Descartes que começa sua empreitada de fundamentação da Ciência pela denúncia de seus preconceitos e erros de infância tanto na 1ª Meditação quanto na primeira parte do Discurso do Método. Nietzsche, partindo desse ponto inaugurador da metafísica, inverte o procedimento de rememoração dos preconceitos de infância e dirige-os contra os filósofos: “Dos preconceitos dos filósofos”, título do primeiro capítulo de *Além do bem e do mal*, é uma designação dupla: dos filósofos e de suas verdades, denominados respectivamente de crianças e de defensores manhosos de suas crenças, e o grande tempo dogmático na qual a filosofia ocidental se inscreve como sua expressão intangível.

² Em outra oportunidade, este movimento, por assim dizer, estruturador do escrito de 1886 foi estudado por RIBEIRO (2009).

em três grandes dimensões discursivas que poderiam ser denominadas, com mais razão, de níveis discursivos: o nível discursivo do próprio pensamento dogmático, o nível da moral do ressentimento e o problema das ideias modernas. Esses níveis não esgotam as temáticas ali aparecidas, que sempre se põem a renovar ao longo do *Além do bem e do mal*, mas eles oferecem as regiões desde as quais a crítica do valor dos valores se estabelece.

Sobre a moral do ressentimento e as ideias modernas

Uma palavra digressiva sobre o fato de deixarmos de lado os níveis discursivos da moral do ressentimento e das ideias modernas. Em primeiro lugar, porque se tratam de assuntos que desfrutam em *Além do bem e do mal* estatutos muito próprios, o que demandaria duas novas análises. Com relação à moral do ressentimento, poderíamos dizer que, no escrito estudado, Nietzsche articula diversas propriedades e qualidades que serão recompostas em 1887 na *Genealogia da moral*. O célebre aforismo 260 do escrito de 1886, por exemplo, é uma espécie de projeto da *I Dissertação* – observemos a filologia de bom e ruim e bom x mau resumida na passagem – e a pergunta metodológica sobre o valor dos valores já se coloca, com evidência, no conceito de vontade de verdade do primeiro aforismo. Portanto, esse nível discursivo que aparece ao lado dos demais, em constante permuta com as ideias modernas e o pensamento dogmático, descola-se como um assunto principal da investigação nietzschiana cuja envergadura histórica, como método e história da moral, é incalculável para a filosofia contemporânea.

Entretanto, não é o mesmo que ocorre com relação às ideias modernas, questão própria de *Além do bem e do mal*. Trata-se de uma temática de alta complexidade do pensamento nietzschiano porque a militância no conceito de valor se volta para o tempo presente. O tema desafiante das ideias modernas possui um grau de dificuldade elevado, tendo em vista o convívio do filósofo com um pano de fundo histórico muito complexo. Ele exige um esforço de situar tanto histórica quanto filosoficamente aquilo que Nietzsche denominou de Europa do Futuro. Assim, a maior dificuldade reside na explicitação de um tema que aparentemente apresenta um conjunto de advertências severas de uma Europa enfraquecida pelas ideias modernas. Todavia, como sabemos, o que ocorre na leitura ruminante que devemos fazer do texto nietzschiano, tais advertências constituem uma abertura

crítico-disjuntiva da cultura Europeia contra um filisteísmo daquele presente em favor de um engrandecimento da vida da cultura. De qualquer modo, se nos permitem o comentário desprezioso, mas certamente leviano, também é um tema muito frágil no pensamento nietzschiano porque, ao articular a subversão crítica do valor ao seu presente, lida com experiências que estavam em surgimento. Contudo, e paradoxalmente, é nessa mesma fragilidade que encontramos a força do tema. A crítica da Europa atual é uma epifania da Europa futurizada como a apreensão intuitiva de Nietzsche dos traços mais gerais de uma realidade nova, mas atávica, por meio de algo simples e inesperado, de um lugar-comum: ser democrático é ainda ser cristão que é ser feminista que, ao cabo, cumprem como sucedâneos na modernidade a apreciação valorativa do ressentimento.

Nietzsche, ao longo de seus escritos, vai dando contornos mais claros a essa relação entre política e filosofia, especialmente no seu último período. A continuidade entre o platonismo e as “ideias modernas” – modeladas decisivamente no ideário político da Revolução Francesa de “liberdade, igualdade, fraternidade” – denota o estreitamento entre uma preocupação filosófica e uma questão política. Nietzsche critica o platonismo (e o platonismo para o povo), enquanto os seus sucedâneos no presente são trazidos à baila como resultados políticos. Se firmadas pela tradição socrático-platônica, as noções que Nietzsche critica acabam por se reinserir em seu pensamento através de posições políticas que delas derivam. Talvez a crítica à Revolução Francesa seja o mais claro exemplo desse tipo de resultado e amostragem até mesmo da inexistência no pensamento nietzschiano de uma distinção entre filosofia e prática. No ideário liberdade, igualdade e fraternidade, Nietzsche (BM 38) via o início da última grande rebelião escrava na moral, ou seja, o expediente moral do Ocidente de procedência socrático-platônica se revela, nesse ideário, como consequência política nos tempos modernos, especialmente na ideia de emancipação.

Ora, a Revolução Francesa, sendo no limite a preeminência dos “instintos populares do ressentimento” (GM, I, 16), repete o modo de avaliar escravo, dando-lhe nova aparência. Ela revestia o homem degenerado, colocando “o cetro nas mãos do homem bom”, tornando-se ele mesmo o expediente “para o manicômio das ideias modernas” (GC 350). Se a Revolução Francesa pretendia inaugurar um novo tempo, seu resultado foi, ao contrário, camuflar antigos valores. A polêmica questão da mulher na Europa de seu tempo entende que a desenfreada “exigência de direitos” das mulheres acaba

por colocá-las em regressão, visto que se processaria uma negação dos seus instintos vitais. Ora, dirá Nietzsche,

Desde a Revolução Francesa a influência da mulher na Europa diminuiu, na proporção em que aumentavam seus direitos e exigências; e a ‘emancipação da mulher’, na medida em que é reivindicada e promovida pelas próprias mulheres (e não só por homens de cabeça oca) resultou num sintoma curioso de progressivo enfraquecimento e embotamento dos instintos femininos (BM 239).

Seria preciso, então, ter em conta estes dados sobre o nível das ideias modernas para que um enfrentamento analítico a contento pudesse ser considerado no âmbito da moral do ressentimento.

Estilo e retesamentos discursivos

O escrito de 1886 tem, pois, uma tarefa essencialmente antidogmática. Admitindo tal caracterização, podemos afirmar que a organização daqueles níveis discursivos revela uma verdadeira militância de Nietzsche no conceito de valor ao desenvolver o estilo aforismático no escrito que estudamos. Disto resulta que esta militância é, no fundo, uma estratégia de retesamento discursivo cuja formação carrega alguns traços mais ou menos regulares que constituem, a nosso ver, um estilo antidogmático. Iremos apresentar, a propósito do nível discursivo do pensamento dogmático especificamente, alguns traços que formam este estilo como retesamentos, isto é, como linhas de forças ativas que incidem sobre os limites da linguagem.

Podemos trazer, em primeiro, lugar, *o estilo como unidade fisiológica*. O estilo diz respeito, ele mesmo, a um *todo fisiológico* do tipo antidogmático. Para Nietzsche,

Um período é, no sentido dos antigos, sobretudo um todo fisiológico, na medida em que ele é comprimido numa respiração. Tais períodos (...), duas vezes crescendo e duas vezes baixando e tudo dentro de uma respiração: são prazeres para os homens da *Antiguidade*, que sabiam, pelo próprio estudo, valorizar a virtude, o que há de raro e difícil na exposição de um tal período (BM 247).

Temos aqui um retesamento da linguagem segundo o qual, tal como um ser vivo, uma expressão também é um organismo. Ela possui

uma unidade vital que se articula como unidade. No aforismo supracitado, por exemplo, Nietzsche evoca a necessidade de um tipo de expressão que saiba respirar. Exigência que a própria escrita de Nietzsche ali realiza ao construir-se ritmicamente. Eis uma exigência radical para o pensamento dogmático que ao longo de *Além do bem e do mal* é caracterizado como uma paralisia fisiológica. Em outros termos, o pensamento dogmático é encarado como organismo vivo na história e que, para Nietzsche, precisa ser combatido com uma medicina da cultura e com uma escrita de sangue, como pode ser verificado no *Prólogo* do referido texto.

Outra forma de retesamento aparentada a essa é a *utilização do tempo musical* como forma de subverter a linguagem. Para referir-se ao ritmo de seu pensamento, Nietzsche utiliza na grafia de palavras do sânscrito, enquanto que elas dizem respeito aos termos musicais italianos *presto, lento e staccato*³. Talvez seja um dos exemplos mais oportunos no escrito de 1886 em que o seu experimentalismo não linear se estampa no estilo do filósofo, particularmente porque a questão que se põe ali é a de ser compreendido:

É difícil de ser compreendido, sobretudo, quando se pensa e se vive *gangasrotogati* (no ritmo do Gânges) entre homens que pensam e vivem diferente, ou seja, *kurmagati* (no ritmo da tartaruga) ou, melhor dos casos, “conforme o andar da rã”, *mandeikagati* – vê-se que estou fazendo tudo para não ser compreendido! (BM 27).

A afirmação de que o filósofo não é compreendido advém da própria condição rítmica de seu pensar. Pela expressão estilística em que intencionalmente não se faz compreender, Nietzsche logra um resultado importante: extrapola os limites da simples exposição sistemática da filosofia para encarnar seu pensamento como afeto. Que se lembre como esse tensionar ressoa aqui as palavras de *Ecce Homo* justamente por definir o estilo como uma *arte do estilo* que comunica um “estado, uma tensão interna de *pathos* por meio de signos” (EH, Por que escrevo livros tão bons, 4).

De outra parte, vemos também Nietzsche explorar constantemente as múltiplas figuras do silêncio segundo as quais ele se põe a atocaiar a linguagem por aquilo que ela cala. Todo pensamento profundo deve criar em torno de si uma máscara, já que toda palavra sempre recairá “numa interpretação perpetuamente rasa” em razão mesmo dos limites da linguagem, em razão do

³ É Sánchez Pascual, na sua tradução para o espanhol do escrito, quem nos informa sobre tal ocorrência no aforismo em questão. Trata-se das notas 35 e 36 (NIETZSCHE, 1979).

espírito gregário desde o qual fora criada (Cf. NIETZSCHE, 2002, p. 182). O estilo de Nietzsche é, ao mesmo tempo, a afirmação desse limite e sua extrapolação estilística. Diz o filósofo (BM 289): “Ouve-se sempre nos escritos de um ermitão algo também do eco do ermo”. Nietzsche entende que antes de se tornar expresso, um pensamento consciente remete-se a um processo anterior ao comunicar, às atividades instintivas. Delas, a consciência nem mesmo se difere, conforme atesta no parágrafo terceiro de *Além do bem e do mal*. Por essa razão, não haveria para Nietzsche sequer a possibilidade de expressar um pensamento como resultante fiel desse processo, como a expressão exata do processo instintivo, o que, em verdade, seria já transformá-lo num outro processo, também este instintivo, já que “uma vontade de superar um afeto é, em última instância, tão somente a vontade de um outro ou vários outros” (BM 117).

Investigando sua própria alma num *confidencial duelo e diálogo*, o filósofo alemão explora o quanto a linguagem cala. Com isso, ele consegue dar uma nova finalidade à expressão: seus conceitos são vigias de suas afirmações, eles *resguardam* aquilo que no filósofo é *guardado* em si. Os conceitos gerados nesse solilóquio do filósofo e com a sua alma, na solidão de seu pensar, “acabam por conter uma cor própria de lusco-fusco, um odor de profundidade como de mofo, algo de *incomunicável* e renitente que sopra frio em todo aquele que passa” (BM 289, grifo nosso).⁴ Se nesse traço o nível discursivo visado é ainda o pensamento dogmático, é justo explicitar que a consciência é o alvo particular de ataque. Ela é entendida por Nietzsche em *Além do bem e do mal* como um instrumento de comunicação do espírito gregário que reduz a complexidade dos instintos à vida comum: “entre todas as forças que até agora dispuseram o ser humano, a mais poderosa deve ter sido a *fácil comunicabilidade* da necessidade, que é, em última instância, o experimentar vivências apenas medianas e *vulgares*” (BM 268). Trata-se este de um estilo deliberadamente silenciador.

Há ainda uma *subversão da escrita filosófica pela subversão do tempo histórico*. O nível discursivo do dogmatismo põe em xeque todas as formas de cristalização da história, isto é, Nietzsche recusa no estilo que pratica as temporalidades habituais da história do pensamento, a começar pela fórmula que dá nome ao livro, *além do bem e do mal*. Ela não é a maneira de trazer uma extemporaneidade fingida ou inocente da parte de um excêntrico

⁴ Sobre este tema, confira a análise de *Ecce Homo* feita por Marton (2000b).

que pairaria sobre a história. Todo um jogo de prelúdios a uma filosofia do futuro, portanto de jogos, vai se instaurando segundo a tessitura de um crítico dos diversos tempos históricos consagrados pelo pensamento dogmático. Buscar um *além de bem* pode significar buscar a historicidade discursiva do dogmatismo. Esta historicidade é entendida por Nietzsche como a afirmação do valor verdadeiro como valor incondicional.

Todo o escrito está situado, assim, de modo deliberadamente equivocado, no vértice formado pela crítica extramoral e a concomitante afirmação de um tempo vindouro para o discurso filosófico e para a história do pensamento. Se quisermos detalhar no estilo ainda mais esta recusa das temporalidades habituais do dogmatismo, bastar lembrarmos que o último aforismo de *Além do bem e do mal* é uma auto suspensão temporal. O que fazer para que, como o dogmático, estar além do bem e do mal não seja outra parada? Escrever um pensamento é já despedir-se dele, despedir-se de sua manhã. Então, o antidogmático deve sair de sua crítica e perguntar-se: “(...) - e agora? Já se despojaram (os pensamentos escritos e pintados) de sua novidade, e alguns estão prestes, receio, a tornar-se verdades: tão imortal já é seu aspecto, tão pateticamente honrado, tão enfadonho” (BM 296). Deve-se escrever e pintar pensamentos como conclui o aforismo. Assim, no último parágrafo do livro vemos que é preciso ter um asseio antidogmático. A renovação da natureza do signo, no caso do escrito, destina-se exatamente a expor, de modo geral, dois movimentos que em relação à linguagem se complementam. De um lado, criticar o dogmatismo dos filósofos e, de outro, prescindir o próprio pensar nietzschiano de cair nas malhas de um novo dogmatizar pela linguagem.

Considerações finais

A escrita nietzschiana está calcada na própria ideia de que todo comunicar é um deter-se arbitrariamente em determinado ponto. Assim, circunscrever o nível discursivo do pensamento dogmático ou do dogmatismo é trazer para o estilo a desconfiança de como o filosofar começou por intermédio da dogmatização. Ao encontro dessa posição segue particularmente a última seção de *Para além de bem e mal*, como vimos. Nietzsche faz que seus próprios pensamentos ponham-se sob suspeita. “Imprevistas centelhas e prodígios” de sua solidão são os pensamentos do escrito; ao expressar a alcova de seus

maus pensamentos, Nietzsche faz aparecer a filosofia que se esconde em seu filosofar, o silenciamento necessário que impele o leitor a uma nova situação.

Uma desconfiança peremptória que integra a investigação, eis o fruto da ideia de que todo filosofar é um pensamento de fachada, em cujo não dito ecoa a suspeição nietzschiana. O filósofo traz para o discurso filosófico, com isso, a ideia de que o incomunicável corresponde à necessidade de mantermos uma desconfiança face à escrita que, ao cabo, animaria a própria investigação. Alerta o filósofo: “Não mais amamos bastante o próprio conhecimento, após comunicá-lo” (BM 160). Esse calar se faz no espaço reticente estampado em seu estilo, e com o qual uma renovação da natureza do signo se processa, já que constantemente desloca os termos de seu uso habitual; é uma espécie de particularismo em que se realiza o modo de argumentar nietzschiano.

De fato, os elementos próprios da argumentação nietzschiana, muitas vezes verdadeiras encenações com o pensar, provocam e tentam o leitor a se colocar em situações que lhe são pouco familiares. Essas inovações argumentativas de Nietzsche aspiram novos horizontes, destinam-se a decidir um novo futuro para o pensar a partir do presente que já realiza. Experimentando sua própria multiplicidade e infinita possibilidade de relações, o pensar se torna constituinte de um presente pluralista. Trata-se de uma espécie de objetivação de ideias que se realiza de maneira particularizada, no texto de Nietzsche, a cada auto encenação ou diálogo imaginário; nas mudanças de ritmo e na exclusiva pontuação, nas frases abruptamente interrompidas que esperam uma conclusão do leitor.

Quando determina o nível discursivo do dogmatismo precisamos ler nisso a alteração da natureza do signo em Nietzsche. O filósofo retesa os processos de linguagem acreditando que esse uso silenciador da linguagem é sinal de um distanciamento do simulacro nascido da experiência do espírito de rebanho, cujo fim é exclusivamente a auto-conservação e manutenção da gregariedade: “Tudo o que é profundo ama a máscara: as coisas mais profundas têm mesmo ódio à imagem e ao símile” (BM 40). A destinação do texto nietzschiano, que está longe de ser unívoco em suas ideias, prescinde de uma conexão logicamente perfeita, mas não da consistência filosófica que se busca a cada argumentação. Assim, uma renovação da estrutura significante dos signos se processa ao mesmo tempo em que as possibilidades de interpretá-los de um novo modo tornam-se experimentações com o pensamento. Tais experimentações visam a romper com o *habitual*, e merecem ser apreciadas nos distintos escritos do autor. Que se recorde, no vocabulário

de Nietzsche não se pode simplesmente tratar de um conceito sem referir-se à estratégia textual em que se encontra. Ao investir significado distinto do habitual aos termos clássicos, notadamente pelo estilo adotado, o léxico que propõe Nietzsche encontra objetivos distintos a cada caso em que ideias são experimentadas: “Os poetas” afirma Nietzsche (BM 161) “não têm pudor em relação às próprias experiências: eles as extrapolam”.

Com o desalojamento contínuo das antigas funções da filosofia da gramática, o estilo nietzschiano explora o silêncio inevitável de toda linguagem. Mas isso não impede que reflitamos se Nietzsche houve por bem, através dessa desterritorialização da linguagem, criar uma nova maneira de ler os signos. A despeito da particularidade em que se encontra cada experimentar, uma necessidade do experimentalismo nietzschiano parece se revelar.

Caminhar em direção a um solo outro para os novos valores é ver emergir o *talvez* de Nietzsche, aquele que impele o filósofo ao experimento. É a tácita recusa em deter-se aqui exatamente porque um experimentar constante é a mais cara “posição” da vida, instituidora incessante de valores. Em outras palavras, o filósofo legislador, criador de valores é preciso que seja experimentalista, lhe é imprescindível a “sede de viver o âmbito inteiro dos valores e anseios que prevaleceram até agora e de circunavegar todas as costas deste “mar mediterrâneo ideal”, e ainda “saber, pela aventura de sua experiência mais própria o que se passa na alma de um conquistador e um explorador de ideal” (GC 382).

Não é só pela virulência da crítica, pela conseqüente ousadia no experimentar ou pela originalidade estilística em subverter termos consagrados que a filosofia nietzschiana se destaca, mesmo entre as mais radicais das possibilidades de experimentação filosófica. É, acima de tudo, pela pungência e riqueza conceitual que com isso o filósofo forja ao trazer um novo perigo ao discurso filosófico, perigo que a ele se oferece como nova forma de pensar. O novo perigo, para falar a linguagem de Zarathustra, é aquela liberdade para nova criação, antecipação experimental de possibilidades ainda desconhecidas, portanto, de um futuro que no instante do exame crítico se realiza.

Enfim, tornar-se um filósofo do *perigoso talvez* é propor novas dúvidas e perguntas cuja força interrogativa poderão reconduzir a filosofia a um novo solo. Mas não esperemos de o Nietzsche experimentalista menos que a ousadia de *inaugurar* uma nova região moral, afinal, diz ele: “o objetivo é percorrer a imensa, longínqua e recôndita região da moral – da moral que

realmente houve, que realmente se viveu – com novas perguntas, como *novos olhos*: isto não significa praticamente *descobrir* essa região?” (GM, Prólogo 7).

Ao ter obrigado o filósofo dogmático a *dizer a verdade*, Nietzsche mostrara a inverdade sob a qual fora ela concebida, em outras palavras, na própria forma tradicional de enunciação da verdade residem as condições que anulam sua validade enunciativa enquanto universalidade. Nesta crítica imanente do valor verdadeiro se revela a base de inverdade de todo filosofar, sua máscara necessária. Nela se assenta a resposta da pergunta por que ainda a verdade. “Acerca do que é a ‘veracidade’”, responde o filósofo, “ninguém parece ter sido veraz *o bastante*” (BM 177). Com efeito, eis o modo que opera a noção nietzschiana de valor: desnudar a verdade como valor incondicional, colocando-se em favor de um *perigoso talvez*, em favor de uma nova experimentação.

Como uma espécie de razão que se frustra a si mesma, uma vez que é ciente de sua inverdade, a experimentação estabelece o *talvez* como critério de fazer valer posições outrora contraditórias. Bem e mal, bom e ruim: o dispositivo do *talvez* os fizera de um mesmo tecido, humano, demasiado humano. Assim, sob a implementação desse modo de pensar, a verdade é outra vez permitida, porquanto porta em si mesma sua negação, já que nada mais verdadeiro que a inverdade assumida como tal, a ficção como constante ficção. A história da filosofia, claro está, não haveria de ser mais a mesma.

Referências

FOUCAULT, M. Nietzsche, Freud et Marx. **Dits et écrits I** – 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NEHAMAS, Alexander. **Nietzsche, life as literature**. Harvard: Harvard University Press, 1985.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

NIETZSCHE, F. **Más alla del bien y mal**, Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Alianza Editorial: Madrid, 1979.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. ITAPARICA, A. L. M. **Nietzsche: Estilo e Moral**. São Paulo: Discurso, 2002. KAUFMANN, W., **Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist**, Princeton, Princeton University Press, 1974.

RIBEIRO, C. E. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** 14, 1/2009, p. 179-206. Acessível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/83326>>. MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000a.

MARTON, S. “Silêncio, Solidão”. In: **Cadernos Nietzsche** 9, p. 79-105, 2000b.

Carlos Eduardo Ribeiro

Doutor em Filosofia (USP), professor de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP – Brasil, e-mail: cadufilesosofia@gmail.com

Alexandre Filordi de Carvalho

Doutor em Filosofia (USP) e doutor em Educação (Unicamp), docente na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil, e-mail: afileordi@gmail.com

Recebido: 12/03/2015

Received: 03/12/2015

Aprovado: 22/04/2015

Approved: 04/22/2015